Jorge Luis Borges – A sentinela

Entra a luz e eu me lembro; está ali.

Começa por dizer-me seu nome, que é (logo se entende) o meu.

Volto à escravidão que durou mais de sete vezes dez anos. Impõe-me sua memória.

Impõe-me as misérias de cada dia, a condição humana.

Sou seu velho enfermeiro; obriga-me a lavar os seus pés.

Espreita-me nos espelhos, no mogno, nos vidros das lojas.

Uma ou outra mulher o rejeitou e devo compartilhar sua angústia.

Dita-me agora este poema, que não me agrada.

Exige-me o nebuloso aprendizado do duro anglo-saxão.

Converteu-me ao culto idolátrico de militares mortos, com os quais talvez não pudesse trocar uma única palavra.

No último lanço de escada sinto que está a meu lado.

Está em meus passos, em minha voz.

Minuciosamente o odeio.

Percebo com prazer que quase não vê.

Estou em uma cela circular e a infinita parede se estreita.

Nenhum dos dois engana o outro, mas nós dois mentimos.

Conhecemo-nos demais, inseparável irmão.

Bebes a água de meu copo e devoras meu pão.

A porta do suicida está aberta, mas os teólogos afirmam que na sombra ulterior do outro reino estarei eu, me esperando.

Jorge Luis Borges, Poesia